

Primeiro caderno



---

*O que nos leva a tentar novamente?*

UMA TELEFONISTA

Quando a chuva passa, de vez em quando desligo o ar e fico olhando pela janela aberta. Perco mais de uma hora observando o movimento em frente ao prédio. Na rua lá embaixo os caminhões seguem até a pesagem e, vez por outra, vai uma colheitadeira amarela e comprida, com as esteiras deixando faixas de lama por trás da pá ou de discos suspensos por braços mecânicos. No ponto da curva onde o rio se alarga mais, onde antes ficavam duas alas de azeitonas-roxas, agora abriram um ferro-velho. Há tempos que não ando por ali. Sempre me impressionam os vagões emborcados, uma cabeça de composição mais antiga, já toda aberta, e os próprios tratores, antes bem coloridos, irem aos poucos estourando, cobertos por uma capa crespada de ferrugem marrom. De longe, quem vê esse amontoado pode até pensar que se trate de um corte no terreno, naquele trecho com barro mais escuro, ou de feno, metralha e até bagaço separado para virar farelo. Na realidade, são as máquinas encostadas.

Como o verdão foi levantado de costas para o rio, dele não se vê a ponte nem o seixo da velha, que é um lugar agradável para se sentar quando quero almoçar fora. O prédio não é bonito como o da policlínica, com seus treze arcos na fachada em forma de um alpendre comprido. Também não tem o espaço dos galpões do cotonifício,

---

com pé-direito de vinte metros, escadaria e passeio de ferro em redor das máquinas de carda, as bobinas de aço engastando milhares de agulhas. Mas o verdão é o lugar onde foram tomadas as decisões mais importantes da empresa.

Verdade que parece uma peça de dominó, equilibrada em pé, viúva, mais robusta na parte de baixo, com uma faixa lateral feita de tijolos vazados em forma de losango, no vão por onde passam as escadas e entra o pó. E lá do alto saem quatro biqueiras para dar vazão à água, que quando é muita cai em cascata, vindo das laterais do prédio. Pois na época delas, as chuvas por aqui têm um cheiro, escoam direto, batem no chão, cavam uma poça e largam um barulho de urina bruta, porque a terra é fofa e o verdão, alto demais. Como as biqueiras são poucas, o teto muito largo apanha essa porção e joga nas calhas, lançando no ar uma ducha bem concentrada. De longe, dali até quase no centro, ainda se vê no topo do edifício o antigo nome da fábrica. No caminho para casa, às vezes paro, me viro para trás e fico vendo o que é aquilo, o verdão se descascando e o revestimento da marquise já esburacado. É nestas ocasiões que penso no que Marco Moreno me dizia, nas críticas dele ao prédio que seu próprio avô mandou construir. Então me curvo para acender um cigarro ou desato o cadarço do sapato, só para atar um laço novo, com o pé apoiado numa mureta ou em qualquer outro lugar. Quando lembro do que a tecelagem já foi, do que hoje restou dela, sinto o peito mais fundo e, para isto, basta esse letreiro de metal em tipo grande, as letras cobertas de azinhavre e há muito queimadas de sol.

Não sei onde vocês trabalham, ou trabalharam, mas aqui a sirene toca às 13h45, chamando os funcionários de volta do almoço. Chama os que vão ao refeitório e os que saem para comer fora. E não há como evitar esse lembrete, pois

do centro da cidade se ouve o toque, que também soa às 18h, no fim da jornada diurna.

Puá puá, puuáão, são sempre dois silvos curtos e um longo.

A verdade é que sou péssimo para imitações.

O que quero dizer é que no intervalo do almoço geralmente fico sozinho no quarto andar do verdão. Faz tempo que não saio para comer fora e, quando saio, gosto de ir ao bar do Neco, porque lá eles de vez em quando servem coelho.

Aos poucos os colegas vêm voltando e sempre um ou outro olha para mim com a cara cheia de graça, querendo dizer uma pilhéria, contando alguma curiosidade ocorrida durante a refeição. Pensam que trancado no escritório morro de tédio ou, se não apareço, é porque impliquei com alguém. Mas o fato é que não. Gosto de ficar arrumando as pastas, escrevendo uma carta, cuidando de um ofício que preciso mandar mais tarde ou no dia seguinte. Às vezes faço uma chamada particular ou atendo alguém que ligue fora de hora. Também leio um pedaço do jornal e escuto no rádio a minha estação preferida. Dessa forma, por conta do ajuste que fiz, não tirando o almoço posso sair mais cedo. Aproveito para voltar ainda com luz.

Quando vou a pé levo quarenta e cinco minutos para chegar do verdão até em casa. De bicicleta, com calma, não chega a vinte. No caminho não é difícil eu parar para fumar um cigarro, fazer compras ou ficar vendo as pessoas na praça discutindo política e futebol, jogando dominó, o que eu próprio não faço por não gostar. E assim os dias passam sem muita novidade.

Porém, esta semana, na tarde em que decidi ir à capital cuidar do caso do rapaz queimado, acabei indo responder a um funcionário que estava com outros dois em volta de um maço de cartas, no banco da praça.

Jurandir, você vai mesmo ou não vai mais? Já desistiu, ele disse.

Como estava a pé, não pude passar sem evitar o comentário. Não interessa, respondi, olhando para ele. Você é que não vai em meu lugar. Ou vai? E o tal ficou sem resposta.

Outro tipo, que dava as cartas, riu tão alto, tirando graça com o curioso, passando um naipe no pescoço dele, que resolvi me sentar. Não sou dado à jogatina, mas fui cumprimentar o trio. Fiquei sabendo que a anedota do almoço era que Minie tinha virado meio vidro de ketchup num guardanapo de papel, dobrado as pontas e engolido tudo sem mastigar. Com isso ganhou a grade de cerveja que apostaram contra a coragem dela. Não dei bola aos que quiseram ver naquilo mais do que havia, ou seja, uma simples falta do que fazer. Também não ia discutir com Minie, que, parece, andou insinuando que antes eu teria feito o mesmo por meia grade ou menos, que sempre fui mais barato que ela.

Quando soube que Minie se referiu a mim como um indivíduo dado a me envolver numa competição bronca como aquela, pensei no seguinte. Que apesar de termos passado os últimos anos juntos, no verdão, caminhando dali para casa, indo comer fora, o fato é que nos conhecemos bem pouco. A própria Minie, quando chegou, logo após a tecelagem ter sido vendida ao grupo atual, ela me disse que eu era um herói, por ainda querer ficar, pois com a vinda dos novos donos o trabalho ia mudar muito e ninguém sabia como ia ser. Lembro que na ocasião acabei lhe contando alguns casos do começo da empresa, das aventuras de meu amigo Marco Moreno. Do namoro dele com uma moça casada, amiga da família. Relatei o fato e logo me arrependi, pois a verdade é que na época eu e Minie não éramos tão próximos assim.

De short e bustiê, com as pernas cruzadas, às vezes ela fica me olhando de modo esquisito, comigo na cadeira falando e falando, como no dia em que sem motivo nenhum ela despejou um copo de Coca no meu colo.

Estávamos na sala e eu contava de meu acidente com Marco, nós dois ainda jovens. Eu ia relatando a Minnie mais ou menos a mesma história de antes.

O céu já tinha clareado, ou acho que tinha clareado. Eu e meu amigo seguíamos calados, fazendo o caminho da estrada até a ponte. Quando os pés de azeitona davam fruta, era no trecho mais para a beira d'água que armávamos o alçapão, onde o rio faz uma curva ao lado da pedra grande, que Marco chamava de seixo da velha. Muito depois, na época em que passei a levar marmita para o verdão, comi algumas vezes em cima dessa pedra, vendo o rio passar lento, perto das agulhas da linha desativada, porque agora o transporte é todo feito de caminhão. Com as chuvas, de uma margem à outra antes eram mais de vinte metros, agora não chega a doze. Naquele trecho, a beira era escarpada e cheia de caniço-verde, com muita baronesa. E a ponte, mandada construir antes de o cotonifício ter se instalado por aqui, já tinha sido levantada com espaço para duas pistas e guardinha de madeira. Hoje os paralelepípedos vão por baixo do asfalto e a grade de proteção é toda em metal. Na época, nossa vontade era montar uma rampa e saltar com o carrinho de um lado a outro do rio, o que obviamente nunca fizemos.

Passeando por ali naquele dia, ficamos olhando o rio amarelado e grosso, com a correnteza arrastando tufos de capim e às vezes uma tábuia, um saco de papel ou um galho de mato. Um pouco enfadado com aquilo, meu amigo se levantou e foi até a beira. A rua sem calçamento estava cheia de poças, com o terreno encharcado, por conta das chuvas. A lama servia de espelho para as

nuvens cruzarem naquela revolução lenta, que é mais fácil de acompanhar justamente olhando dentro das poças.

Então Marco jogou uma pedra nos anuns do outro lado do rio. Vamos descer no carrinho, Jurandir? Hoje você quem manobra, ele disse, e foi subindo em direção à calçada da prefeitura, comigo atrás.

Na hora me espantei, porque sempre disputávamos o cargo de piloto. Pensando bem, creio que Marco abriu mão por saber que eu andava mal, e talvez com isso quisesse me animar um pouco mais.

Da ponte até a prefeitura são três ou quatro ruas para cima. No caminho devemos ter dado com gente voltando da feira de sábado, ainda hoje a maior, mas a verdade é que não lembro de ter visto ninguém. Ia distraído, puxando o carrinho pelo barbante que laçávamos no eixo da frente, para fazer o reboque sem ter de carregar o peso nos braços. Chegando à calçada nova, me virei para a descida e aponteí a prancha na direção do Imaculada. O muro era baixo e àquela hora as freiras passavam uma vassoura no pátio. Nos fins de semana, com o colégio fechado, a rua acalmava mais. Marco, me vendo ali parado, de pé, acenou com a mão para que eu tomasse o assento, o que logo fiz.

Ainda hoje, quando Minie me ouve contando isto, ou coisas dessa época, posando interessada, segurando o copo e tomando seus golinhos de Coca, ela me olha de um jeito mais vago. Vou acrescentando detalhes que antes não tinham feito parte da história. Então refiro esses casos e Minie me paga com um ar de pouca fé, querendo dizer que eu vá adiante.

A verdade é que só era preciso um toque, eu disse a ela, e talvez nem isso para se descer dali numa velocidade difícil de controlar o carrinho de rolimãs. Acontece que daquela vez meu amigo deu um impulso maior. Vi que não dava para fazer a curva sem evitar a derrapagem



e então avisei já quase gritando. Marco, deixa, está bom rapaz, solta. Mas os rolamentos de aço, riscando o cimento e as pedras do chão, faziam um barulho enorme, era difícil que se pudesse ouvir qualquer coisa. Daí, não sei se ele realmente escutou, pois a empurrada seguiu por mais um tempo. Gritei de novo e desta vez ele deve ter notado, porque eu já puxava as manoplas para a esquerda e para a direita, fazendo o carrinho tomar uma rota sinuosa. Na hora, com medo do embalo, desisti de ir até o fim da calçada e percorrer o trajeto de sempre. Fiz uma curva fechada, à direita, saindo para a rua, e a prancha levantou de lado. Pensei que fosse virar, mas não. Pus um pé na pista tentando parar a corrida e, com a perna esticada, tenso da velocidade, sem pensar muito naquilo, mantive o corpo rijo demais, as mãos agarradas com força nas manetas, a sola da sandália dois palmos adiante das rodas. Quando atravessei a rua principal, fazendo o salto do passeio calçado para a pista de barro, subiu o pó e achei que estava com sorte. A areia amortecia a corrida e, antes de chegar do outro lado, acabava parando. Mas como o embalo era grande, cruzei a rua na transversal, ainda a toda, e vi que ia bater de frente no meio-fio. Devo ter fechado os olhos. Lembro que fiz um giro com o corpo para fora do carrinho e ele emborcou. Deslizei o restante no chão, fazendo eu próprio aquele pedaço que faltava antes de dar na calçada. Então, com a perna esticada, aconteceu de meu pé topar na quina do calçamento novo, feito de paralelepípedos. O impacto foi grande, mas poderia ter sido ainda pior. Bati de lado e senti um gosto de terra na boca. Abri os olhos e vi minhas sandálias no chão, ao lado do carrinho, que tinha passado voando e foi se espatifar na parede da casa em frente. Digo que isto poderia ter sido ainda pior porque, lá atrás, meu amigo ficou pasmo por um tempo. Mudo de susto. Acho que vendo e pensando no que via. Só quando me mexi e apalpei a perna, ele gritou que isso

sim é que era manha. Mas, chegando perto, percebeu o que tinha me acontecido e mudou o jeito de falar. Disse que eu ficasse tranquilo, que isso não era nada. Pegou na minha perna, ou penso que pegou, e eu próprio falei que sabia que isso não era nada. Então meu amigo se levantou e fez uma concha com as mãos em volta da boca. Começou a gritar para o alto, na direção dos passantes, dizendo que pelo amor de Deus alguém viesse logo.

Quando tiro minhas férias, gosto de passear por outras cidades do interior. Sempre que me aparece na pista ou vejo parado à beira da estrada um daqueles belos Simca Chambord azul-bebê, com seu ronco de motor vê-oito e rabinho de peixe, o estofado revestido de curvim branco, a direção em madrepérola, então a imagem de meu amigo me volta à cabeça. Olho bem para o carro, para ter certeza de que se trata do mesmo modelo e, quando dou com um motorista mais alvo, fazendo pose com uma mão no volante e a outra para fora, daí não tenho como evitar e penso, só pode ser ele. Desta vez é mesmo Marco Moreno Prado, que não se aguentou e está de volta. Mas chegando perto, ou saltando da bicicleta, de novo vejo que não era.

A verdade é que esta sensação que de vez em quando me toma, de comentar as lembranças de meu amigo, relatando a Minie casos da nossa juventude, é um efeito curioso e revela bem o tipo de conversa que prevalece nos horários de folga, quando alguém, animado pela bebida, acaba falando o que não deve. Voltei a pensar nisto enquanto tomava notas para ir ver os advogados no Recife.

Fiquei a tarde inteira juntando os documentos sobre o caso do rapaz queimado, que já se arrastou mais do que devia e agora vai ser resolvido na justiça. Orientada por alguém, dias antes a mãe desse menino tinha me telefonado chorando. Procurei acalmar a mulher, mas ela

insistia em que eu lhe promettesse um parecer favorável, maneirando na imprudência do filho, que, por não saber operar o compressor reformado, queimou as mãos e o rosto no vapor. Ainda esta semana me peguei pensando no mérito da questão. E também no zelo dessa mãe pelo futuro do rapaz.

Lembro de ter passado por uma situação semelhante, quando meu filho nasceu doente e pedi que Marco fosse o padrinho. Fiquei revendo esse momento de antes e a razão que meu amigo tinha me dado, que para o bem dos dois era melhor não. Então uma impressão desagradável me voltou com mais viveza, nós dois caminhando pelas estradas em volta do verdão, evitando as poças, chutando qualquer coisa na pista, enquanto conversávamos sobre como nossas vidas iam mudar. Ou talvez esteja confundindo a ocasião específica em que discutimos o batizado, pois na hora mais esquisita da conversa, lembro que estávamos numa mesa de bar ou de restaurante e, quando Marco afinal me perguntou para que misturar amizade com família, a imagem que me vem ainda é a do tampo de uma mesa forrada com uma toalha colorida e, ali em cima, um maço de guardanapos metido dentro de um copo de vidro, talvez um copo de geleia, que eu rolava e rolava nas mãos esperando pela resposta do meu amigo. Essa resposta eu mais ou menos já imaginava qual seria. Que era melhor separarmos as coisas.

Mal acabei de preparar a papelada do caso do rapaz queimado, Minie se aproximou do meu birô e me olhou um tempo. Depois começou com aquela insistência dela.

Jurandir, eu não quis ser indelicada com você. Falei aquilo só por falar, ela disse.

Você falou. Como foi? Que eu tinha perdido a coragem.

Falei que antes você era mais dado. Que saía com a gente. Só isso.

Que nada, Minie. O que é que há? Pensa que sou feito suas colegas, para ficar rindo de besteira? Você é muito engraçada.

Como assim, ela perguntou. Hem, Jurandir?

Você às vezes não liga para nada. É muito fácil, eu disse, e então calamos nisto.

Com pouco mais, Minie voltou ao assunto. Minha oferta ainda está de pé, ela falou, leve o carro. Deixe de ser teimoso, Jurandir, vá.

Você não me escuta mesmo, não é, garota? Às vezes se faz de mouca.

Leve. Estou dizendo. Pode levar, e falando isso, ela chegou mais perto. Apoiou as mãos no tampo da mesa. Baixou quase na altura do meu fichário e repetiu aquilo batendo com a mão na bolsa, fazendo o chaveirinho chacoalhar.

Já falei, Minie. Prefiro o ônibus. Sinceramente, prefiro assim, eu disse. Quis encerrar essa conversa. Como tínhamos levantado a voz, algumas pessoas se viraram para ver o que era. Daí, fiz um gesto para que ela percebesse o movimento na sala. Ajeitei a pilha de pastas e empurrei de lado a máquina de calcular e o telefone. Fiquei olhando para Minie, ali, plantada na minha frente.

Aquilo foi uma brincadeira, Jurandir. Por favor.

Que brincadeira? Eu é que sei o que me disseram. O que eu mesmo ouvi.

Ela continuou calada. Depois se virou e fez que ia sair.

Já vou, ouviu?

Vá. Pode ir, eu disse.

E só então Minie saiu do escritório.

Quando abri um dos classificadores mais grossos, para conferir os laudos que precisava levar para o Recife, dei de cara com a foto do rapaz queimado, ela solta entre as primeiras folhas do processo e não dentro do envelope que eu tinha separado para os anexos, grampeados no fim. Passei a mão naquela imagem deprimente, que fazia tempo vinha circulando pelo verdão.

Tinham afastado as ataduras da cabeça do rapaz, para que o fotógrafo pudesse fazer o registro do torso para cima. O menino olhava direto para a lente, parecendo tranquilo, sem se importar que seu rosto, pelado e brilhante por conta do vapor, não voltasse a ser como era antes. Um pouco chateado de rever a cara rosada do garoto, virei a foto e reli no verso o recado de Nilo Rangel, um dos advogados da tecelagem. Diga a eles que pelo menos o menino ainda está vivo. Era o que estava escrito. Que eu insistisse no fato de o socorro da policlínica ter salvado o funcionário do pior. Devia lembrar isto ao defensor trabalhista. Imaginei que diferença faria. Guardei o que não precisava levar e pus os documentos nas pastas.

Como estava sem a bicicleta, achei melhor sair mais cedo e passar no centro. Fiquei um tempo pensando no que precisava fazer e aonde era melhor ir àquela hora, se seguia ou não para casa. Só então percebi que Minie estava me olhando do outro lado da sala, tinha voltado. Queria saber se eu estava pronto ou quando era que queria ir. Lembrei que de manhã tínhamos acertado de descer juntos. Apanhei as pastas e me despedi do pessoal do andar. Fiz um aceno com a mão, mas poucos notaram. Minie me chamou novamente e fez sinal para que eu fosse logo. Juntei o resto dos papéis, meti tudo dentro de uma sacola e saímos para o corredor, caminhando em direção às escadas.

Começamos a descer um pouco mais devagar, que é o ritmo em que posso seguir. Em certo momento, fiquei pensando se Minie havia comentado minha via-

gem com mais alguém. Embora não tivesse tocado no assunto com os outros, ela se referiu ao caso misturando gente na história.

Veja bem, Jurandir. Todo mundo gosta de você, ela disse. Inclusive os mais moços gostam muito.

Também, pudera. Gosto deles, falei. A verdade é que me dou com todo mundo.

Mas você precisa ter paciência, ela disse.

Tive vontade de perguntar o que era que isso queria dizer, porém fiquei calado.

Com pouco, Minie recomeçou. Você vai sozinho?

Nessa viagem, vou.

Ela ficou me olhando e retomou no mesmo ponto. Pensei que ela fosse também.

Ela, quem?

Ora, Jurandir. A sua mulher.

Vai nada. Eu indo, ela não pode ir, por conta da casa. E até prefiro assim, porque tem coisa minha que quero ver por lá. Aliás, nem sei quando volto. Ninguém sabe, e nem quero que saibam, eu disse. Ouviu, garota?

Revido agora essa conversa, a imagem que faço é a do cabelo de Minie. Seu penteado para trás, num jeito de garoto, com ela vestindo uma blusa alva e a saia muito estampada, na voga dos hippies. Minie se veste de maneira moderna, mas essa moda fica bem nela.

No verdão, quando se desce à tardinha, a luz entra pelo rasgo dos combogós e faz um xadrez na parede das escadarias. Se a fuligem entra por ali, vindo dos caminhões passando por perto ou das chaminés em redor, então fica uma bruma engraçada, com listras amarelas cortando o vão, o que na verdade é apenas o facho do sol fazendo a poeira parecer uma tromba de veludo claro, ou várias trombas. O efeito é bonito e fiquei contente, pois

descemos na hora certa. De um andar a outro, quando passávamos por onde entrava a luz, uma lava daquelas às vezes vinha e batia no rosto de Minie, no pano da blusa dela, e lhe clareava os cabelos, fazendo esses cachos curtos parecerem mais castanhos do que são. Talvez pela sensação tristonha que vem com o lusco-fusco, acabei ficando ansioso. Foi neste ponto, quase no térreo do verdão, que Minie começou a me perguntar se eu ia mesmo, e como, e com quem. Eu continuava calado, descendo devagar, reclamando da perna e do pó, e com isto olhava para o rosto e para os pés dela, apontando o chão para que Minie tivesse mais cuidado.

Jurandir, escutou o que eu falei? Eu e as meninas fizemos uma coisa para você, ela disse, depois tirou da bolsa um envelope branco e retangular, selado com um decalque colorido em forma de estrela.

Na hora, não tive o que fazer com aquilo. É dinheiro? Espero que seja, eu disse.

Ela riu e me passou o envelope. Não vá me fazer besteira.

É por acaso me meto a herói? Então pronto, eu disse.

Na despedida demos dois beijos e lhe apertei a mão de um jeito mais formal. Procurei não pensar muito naquilo. Saí do verdão trazendo os documentos do acidente com o compressor e as fotos do rapaz queimado, que eram uma parte importante do corpo de delito. Trouxe também uma caderneta larga, de capa dura, e três canetas, duas azuis e uma vermelha, mais um lápis e uma lapiseira com borracha na ponta. Deixei o verdão com o dia ainda claro e segui dali direto para o centro.

É de se admirar que o armazém Ferrabrás continue na mesma esquina há mais de vinte anos, na esquina como de quem sai da praça rumo à rodovia. Comprei a eles me-

tade do material de construção da minha casa, uma que fiz no terreno de meu sogro, seu Constantino, no lote que o velho tinha no bairro do mercado.

Bem na frente do Ferrabrás está o bar do Neco, o único que realmente tem alguma condição. É um estabelecimento de porta com duas janelas, que abriram para fora com um toldo azul, e as paredes decoraram com cartazes de refrigerante e cerveja. Cheguei com calor e me sentei de frente para a rua. Pedi uma Coca.

Um garçom que eu não conhecia veio e me trouxe o refrigerante com o copo emborcado por cima do gargalo. Passei um guardanapo na borda e no fundo do copo, mas disse para não abrir a garrafa. Fiquei sentado, olhando o movimento dentro e fora do Ferrabrás. Já estava quase escuro, com aquela luz azulada e difícil de enxergar, então pus a mão dentro da sacola com as pastas e puxei o envelope que Minie tinha me dado. Abri e ali tinha um papel de cartolina dobrado ao meio com a figura de um menino segurando um balão. Estava claro, pelo traço e pelo colorido, que ela tinha feito aquilo sozinha. Pintou as partes mais fortes com lápis de cor e para as mais claras usou uma tinta de aquarela. Fiquei olhando. O balão tinha um aspecto oval, deitado, com bastante espaço para a mensagem copiada ali dentro.

Ao nosso querido protetor desejamos boa viagem. Que esse caso se resolva e o senhor volte logo, repeti isto em voz baixa. Era o que estava escrito. Tudo em caixa-alta, menos nas assinaturas delas, de Minie, Sandra, Lurdes, Silmara e Tita, que eram em caneta preta e letra cursiva, letra de mulher.

Mais uma vez a atenção dessas moças do quarto andar me impressionou. Primeiro imaginei que o menino segurando a ponta do balão tivesse na outra mão um livro escolar, comprido e encapado. Depois vi que não. Era uma pasta suspensa, das de arquivo, que fiz tanta questão de



uniformizar no uso do setor. E a camisa social, com dois bolsos de botão, que gosto de trajar, também ia indicada ali no peito do garoto, as calças pintadas de cáqui e ele agarrado à linha daquela bolota enorme. Tudo com muita graça. Não era nenhuma obra-prima, mas estava bem-feito. Então decidi não tomar a Coca no bar do Neco. Paguei o refrigerante com casco, apanhei a sacola e saí com a garrafa. Atravessei a rua até a entrada do Ferrabrás, que já estava com a porta baixa pela metade, prestes a fechar.

Tomei a entrada lateral, que dá para os apartamentos em cima da loja. Subi as escadas revendo as paredes manchadas na altura do corrimão e, lá no teto, o fio trançado com uma lâmpada acesa na ponta. Os degraus eram curtos e eu podia ir mais depressa que no verdão. Mesmo assim preferi seguir no meu ritmo, com a garrafa de Coca suando numa mão e a sacola com as pastas pendurada na outra.

Minie já devia ter chegado em casa. Comecei a pensar se eu próprio deveria estar ali. Tenho certeza de que vocês sabem o que vou dizer agora, apesar de muitos negarem esta noção. E também negarem que um dia já fizeram coisa parecida.

Chegando ao topo da escadaria notei que estava transpirando. Parei para tomar fôlego e me escorei no corrimão. Passei o dedo no interruptor, apagando a lâmpada do teto. Fiquei olhando o restinho da claridade vindo da rua e também por baixo das portas do primeiro andar. Voltei a pensar em Minie, na lembrança que ela tinha me preparado, no desenho do menino com a perna rija, o balão colorido e, no bojo dele, aquela mensagem tão delicada. O fato é que, com a cabeça nisto, ri sem graça, pois apesar do jeito do garoto não ser o mesmo que o meu, um pouco daquela sua agonia pode-se dizer que era.

Nos primeiros meses de meu cargo novo, quando passei da gerência de campo para o departamento de pessoal, e com isto eu e Marco Moreno nos afastamos um pouco mais, eu próprio fazia graça com a história da perna quebrada. Na verdade, quem me chamou a atenção para isso foi minha esposa, Heloísa.

Nunca dei ponto ao fato de ter chegado a chefe de segurança no trabalho anos depois de arrebentar o joelho numa brincadeira com o neto do idealizador daquela grande fusão de empresas, alguém que ligou o setor têxtil de norte a sul do país, trazendo gente e maquinaria de fora. Por conta do acidente, muitos acham que cheguei aonde cheguei por mera reparação, ou que a escolha de meu nome para chefiar a área se deve ao fato de eu aparecer como um exemplo da necessidade de maior segurança no ambiente industrial. Poucos sabem que a questão vem de muito antes, de pequeno, de quando embolei do carrinho descendo feito um louco pela calçada nova da prefeitura.

Lembro das semanas logo após o meu acidente, quando fui pela primeira vez ao Recife, como um período de grande mudança na minha vida. A imagem que tenho dessa hora é a das pessoas à minha volta me perguntando quem era o meu pai e a minha mãe quem era, se eu morava ali perto, se eu podia ou não me levantar sozinho. Enquanto isso, outros me encaravam espantados, vendo o carrinho espatifado na calçada e eu deitado no chão, com as mãos agarradas na perna.

Como sentia muita dor, olhei para o meu amigo e ele tomou a frente. É para o casarão da praça 15 de Novembro. Vamos lá, ele disse. E só então as pessoas pararam de discutir o caso.

Quando me tiraram da calçada, não conseguia andar. Dois homens, que atenderam ao chamado de Marco, trouxeram um banco de madeira de mais ou menos

um metro e meio, para que eu me deitasse em cima. O banco foi usado como uma espécie de maca, e funcionou bem. Porém, ainda hoje me pego pensando no porquê daquilo. Se a emergência era médica, e cumpria que eu recebesse atendimento o quanto antes, que sentido tinha Marco dizer que me levassem para a casa dele? Nunca lhe fiz esta pergunta por receio de meu amigo pensar que o tempo perdido na movimentação para lá e para cá, do palacete ao ambulatório, pudesse ter feito alguma diferença no tratamento da minha perna. Na realidade, não creio que fizesse a menor diferença.

O fato é que chegamos relativamente rápido. O pai de Marco não estava, e não recordo quem tomou cargo da situação. Foi então que entrei na casa de meu amigo pela primeira vez. Lembro que me conduziram até um banheiro branco, com pia de louça, onde alguém me lavou a perna para tirar a areia do corte. Depois amarrou uma toalha grossa em volta do meu joelho. De lá fomos para o ambulatório, uma casinha que posteriormente foi ampliada e hoje é a policlínica, um verdadeiro emblema da cidade, com sua fachada branca toda feita de arcos e colunas.

Vinha eu pensando nisso, quando de repente me dei conta de que estava sozinho, relendo o cartão de Minnie no corredor do primeiro andar do Ferrabrás, com uma Coca na mão e, na outra, o pacote com os documentos do caso do rapaz queimado. Ainda precisando resolver se ia ou não de ônibus, se viajava no dia seguinte ou deixava para ir ao Recife mais adiante. Tinha saído do verdão cedo, pensando que deveria aproveitar para ir à rodoviária comprar a passagem. Depois que Minnie me ofereceu a volks dela, parei no bar do Neco e acabei naquele corredor apagado. Se alguém entrasse de repente, ou abrisse uma porta, podia pensar que eu estava mal-intencionado, escondido na sombra à espera de um inquilino, ou pior,

querendo forçar entrada nos apartamentos vazios. Decidi evitar o embaraço. O corredor e as escadas estavam no escuro. Passei a mão no interruptor e religuei a corrente, o bulbo da lâmpada zumbiu e clareou. Olhei em volta, mas não vi ninguém. Bati uma vez na porta do 11-A e apurei o ouvido, só consegui escutar um televisor ligado. Como não vieram atender, quase bati novamente. Mas foi bom que não tivesse feito, pois com pouco mais ouvi umas passadas. O trinco girou e Minie apareceu por trás da porta.

Quando entro em algum canto e sinto um cheiro forte, esta fica sendo a minha impressão. E muito embora isso seja raro, às vezes acontece de eu sentir, sem motivo algum, o odor daquele ambiente mesmo estando em outro lugar, o que sempre me vem de supetão. Foi o que se passou ali. Quando Minie abriu a porta e veio aquele perfume adocicado, lembrei das primeiras vezes em que estivemos juntos. O fato é que, pensando naquilo, sorri e não disse mais nada. Fiquei parado.

Oba, há quanto tempo. Por aqui logo esta noite, que honra, ela falou.

Gostei do tom. Achei que a brincadeira era bom sinal. Ainda estava com aquela conversa na cabeça, de quando nos despedimos na frente do verdão. Fiz um cumprimento qualquer e Minie continuou sorrindo. Lembrei do cartão e quis lhe dizer qualquer coisa a respeito.

Obrigado, viu. Você não tem jeito, garota.

Passe, passe, Minie disse, e me chamou novamente. Então entrei.

Hoje não posso conversar muito. Você sabe, falei. Sente aí, vá, Jurandir. Por favor.

Fui sentar no sofá. Pus a sacola no assento ao lado e a garrafa de Coca na mesinha de centro. Minie fez um

gesto para que eu ficasse à vontade, depois pediu que eu esperasse um pouco e, sem me ouvir a resposta, entrou para a cozinha.

Quando estive nesta sala da primeira vez, há quatro ou cinco anos, notei imediatamente as prateleiras do armário com bibelôs de louça e bonequinhas pintadas valsando na frente de um castelo com cata-vento dourado. O apartamento é do tipo antigo. As janelas, com esquadrias de madeira, ficam em cima do Ferrabrás, por trás do luminoso da loja. Dali se vê um pedaço da praça. A dois palmos da borda de baixo o vidro é canelado. Daí que, de fora, só se distingue o vulto e não a figura exata das pessoas que vão dentro. Mesmo assim, quando as cortinas estão recolhidas, procuro não chegar perto das bandas transparentes. Com a luz acesa, quem passa na rua pode querer deduzir qualquer coisa.

Minie voltou com uma toalha na mão, torcendo e jogando essa trouxinha por cima do ombro, olhando para mim.

Você está ocupada. Está ou não? Posso voltar outra hora, eu disse. Realmente quis ir embora, quase me levantei, mas ela fez que não.

Afinal, Jurandir. Você viaja ou não viaja?

Viajo, mas a gente se fala depois. Não tem pressa. Quando eu voltar. Ou seja, e fiz um gesto.

Só então notei que ela já tinha trocado de roupa depois da nossa despedida mais cedo. Agora vestia um shortinho com camiseta listrada. Fiquei olhando. Balancei a cabeça, querendo dizer que naquela hora tanto fazia eu estar ali ou não. Que realmente não importava.

A verdade é que sinto por essa moça uma gratidão imensa, e não entendo bem de onde vem isto. Somos praticamente o oposto um do outro. Às vezes os colegas se referem a ela daquele modo grosseiro. Jurandir, que boca de fada essa menina, hem, eles dizem. E é o que

basta para me fazer perder o dia. Alguns, percebendo como fico, acabam me olhando de um jeito malicioso, insinuando o pior. Minie não liga, e isso leva as pessoas a comentarem ainda mais. Se no começo pensava que essa atitude podia ser invenção da parte dela, hoje vejo que não, o que realmente só me faz admirar o fato de ela não se importar com nada, ou com quase nada. Dali mesmo, com Minie sentada na poltrona, bem no lugar onde passamos tanto tempo conversando sobre o estado em que vão as coisas no verdão, ela me veio com outro balanço daqueles que tanto gosta de fazer. Disse que eu era um frouxo por não admitir o que realmente queria, o que me importava de verdade.

Você espera que as coisas aconteçam do nada, não é, Jurandir?

De novo isso, moça? Sorri e tentei mudar de assunto, mas acabei escutando tudo outra vez. No meio da conversa, pensei em mostrar o cartão de que eu tanto tinha gostado, porém passamos um tempo falando bobagem. Quando finalmente não pude evitar, entrei no assunto que vinha me incomodando.

Vou ao Recife, mas não vou salvar ninguém. Não sou Madre Teresa.

Minie me olhou de modo engraçado.

Quero mais é que tudo vá para o inferno. Veja só, falei. Remexi na sacola das pastas, tirei a foto do rapaz queimado e mostrei a ela.

Para com isso, ela disse. Não quero. Já vi.

Eu sei. Quem merecia essa desgraça era outra pessoa.

Que mania, Jurandir.

Eu sei. O pior é que é verdade, eu disse, mas não quis insistir. Guardei a foto, me levantei do sofá e fui até a janela.

Já não tinha quase movimento na rua, apenas um pouco de gente em volta da lagoinha da praça, com os

casais sentados nos bancos. Um ou outro se beijando à vista de todos. Puxei as cortinas e me virei para dentro. Ficamos parados um tempo. Lembrei de como gostava de ver Minie sentada naquela salinha, de short, com as pernas cruzadas esperando que eu lhe contasse alguma coisa. Foi só nesse escuro quase completo que senti o cheiro da fervura vindo da cozinha. Sorri e acho que ela entendeu de que é que eu estava achando graça. Ou não sei se realmente entendeu. O fato é que eu não sabia se deveria estar ali, enquanto ela, mais rápida, já tinha ligado o fogo para preparar aquela pasta de parafina com manteiga de cacau.

Saí da sala e fui andando em direção ao quarto, sem dizer nada. Minie veio atrás e passou por mim. Entrou e sentou na cama com as pernas estiradas, me olhando dos pés à cabeça.

Jurandir, ela disse. Você não me parece nada bem. Pois quero lhe dizer, garota, que estou ótimo.

Ela continuou calada. Depois se levantou, sacudindo a cabeça, e saiu do quarto.

Fiquei um tempo sozinho. Estirei em cima da colcha a manta de lona verde, que de tempos em tempos tinha de ser esalada no panelão de alumínio. Tirei as calças e me deitei por cima da coberta, dobrando a perna incomodada. Sempre me impressiona como a simples lembrança dessa aplicação tem o efeito de me deixar sossegado.

Olhei em volta e realmente me senti bem. Vi de novo cada canto daquele quarto forrado com papel florido. Um papel com aspecto de canteiro brotando cheio de flores do campo. Margaridas, coroas-de-rei, dentes-de-leão e uma papoula tigrada, que na verdade não existe, é invenção de quem desenhou a estampa de fábrica. Muito embora esse não seja o tipo de decoração que ado-

to em casa, ajudei Minie com a despesa e penso que ela escolheu bem. Então fiquei como às vezes fico no meu próprio quarto, estirado na cama depois do banho, antes de me vestir, pensando nas coisas boas que me disseram que sou e também nas que fiz. Uma sensação estranha veio de repente e meu coração disparou. Sinto que ainda há muito no que me aprimorar. Imagino que quando alcançar esse entendimento das coisas, do que realmente importa fazer, a diferença na opinião das pessoas não vai importar tanto. É nisto que Minie, do jeito dela, vive insistindo.

Não sei quanto tempo fiquei desse jeito, deitado, pensando no que ainda precisava fazer. Lembrei de ligar para casa e avisar Heloísa que eu só chegaria mais tarde. Mas Minie de repente voltou com a panela fumegando e sentou na beira da cama. Veio mexendo a colher, despejando aquela porção de volta, tirando um fio ligado e amarelo, que espalhava um cheiro de cera doce pelo quarto. Olhei para ela através das mãos, com cada uma em forma de um copinho, as duas fazendo como se fosse um binóculo. Não sei exatamente por que fiz isto, pois Minie não me deu atenção. Continuou olhando para cima, para onde a luz clareava o papel cobrindo o teto inteiro com as florezinhas do campo, e ela calada na cama, mexendo devagar a colher de pau dentro da panela.

Por um instante vi essa moça como quem vê uma morta, os lábios cheios e fechados, as mãos pequenas e mais alvas do que são. Seus cabelos curtos não chegam a encher um pente, e esses olhos de gato diante de um farol parecem feitos de vidro. Como ela não falava, concluí que tinha se acanhado, comigo sem as calças e a camisa de fazenda ainda abotoada. Fazia tempo que não passávamos por um momento desses.

Você sabe, menina. Uma situação assim não pode durar.



---

Calma, Jurandir. Ainda está quente.

Não é isso, falei. Você guardou a Coca que eu trouxe?

Guardei.

É sua.

Eu sei. Obrigada.

Minie despejou uma colherada de pasta na polpa da minha coxa. Senti a picada do calor me amolecendo os ossos e a musculatura, afrouxando a pele enrugada por cima do joelho. Com o choque, a sensação foi de que minha perna tinha sumido, longa como uma tora úmida, mais fofa. A pasta começou a secar, formando uma pele morna e engelhada, escondendo a cicatriz. Com essa impressão, a nevralgia foi cedendo.

Aperta aí, garota.

Já vai, ela disse, e colocou a panela de lado.

Quando a mistura de parafina com manteiga de cacau some, resta uma capa fininha por cima, até metade da perna. Logo vem a vontade que sempre me dá. Com a massa seca, é essa pele de cera que coço e arranco despelando como uma cobra criada, puxando os pelos por cima do formigamento, o que tanto me alivia o dolorido do joelho.

Você gastou a manteiga toda?

Jurandir, só era um resto.

Qualquer bocado custa os olhos da cara.

Eu sei, Minie disse, e virou a concha despejando o que tinha.

Com o calor, assoviei, soprando a perna.

Seu frouxo, ela falou, e começou a passar as mãos no meu joelho.

Fechei os olhos e fiquei quieto. Talvez por esta sensação de alívio, e também pelo fato recente da minha decisão de ir ao Recife, a primeira imagem que me veio foi de novo a do cartão de Minie. O menino com um ba-

lão colorido e, ali dentro, aquela mensagem que ressoava na minha cabeça.

Ao nosso querido protetor desejamos boa viagem. Que esse caso se resolva e o senhor volte logo.

Minie me ouviu repetindo esses votos e sorriu. Creio que o sorriso também queria dizer qualquer coisa que ela própria não tinha coragem de confessar. Então, um pouco sem jeito, lhe fiz aquele convite que me escapou depressa demais.

Vou acabar indo de carro, eu acho. Com o carro da empresa. Eles pagam tudo, eu disse, e arrisquei a pergunta. Por que você não vem comigo? Mas logo em seguida me dei conta da confusão que tinha feito.

Ir aonde, Jurandir?

Só estou falando. Você podia ir comigo nessa viagem chata. Podia ou não?

Ela não disse nada. Tirou as mãos da minha coxa e se levantou. Ficou me olhando, querendo saber que plano realmente era esse.

Ir com você, é?

Continuei calado.

Minie sacudiu a cabeça e me deu as costas. Foi andando em direção à porta. Dali, sem se virar, com a panela na mão, fez um gesto com a colher de pau, apontando para mim e depois para a janela. Girando o côncavo dessa colher no ar. Querendo dizer, com isso, que eu saísse dali naquele mesmo instante. Que eu me vestisse logo e fosse embora para casa.